



CARTOGRAFANDO FLORIANÓPOLIS: OUTRAS POSSIBILIDADES DO MAPA EM SALA DE AULA

Marina Coelho Rosa e Silva

marinacrs@gmail.com¹

Resumo

O presente trabalho busca ampliar as possibilidades da tradicional cartografia escolar, por meio de oficinas de produção de mapas da cidade de Florianópolis- SC. O conceito de mapa atribuído em sala de aula está atrelado a um caráter essencialmente informacional. Por vezes, acabam se tornando meros recursos de espacialização das percepções da realidade de quem os produz: engenheiros cartógrafos, técnicos e agentes de órgãos públicos. A oficina realizada com a turma do sétimo ano da Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos, buscou mapear a cidade a partir daquilo que os alunos conheciam sobre a mesma. Foi utilizado como base uma mapa mudo, apenas com os traçados do contorno do município, onde os alunos puderam confeccionar seus mapas e uma produção textual utilizando diferentes linguagens na representação espacial. O trabalho teve como objetivo identificar o que os alunos conheciam e consideravam importante na representação de sua cidade. Apoiamos nosso trabalho nas ideias de Freire e na importância de conhecer o espaço vivido dos alunos.

Palavras-chave: Representação Espacial, Cartografias da Cidade,

Introdução

O Ensino de Geografia tem como desafio e um dos seus objetivos proporcionar aos alunos a capacidade de leituras do mundo, fazendo relações destes processos com o seu cotidiano para a formação de cidadãos críticos que percebam-se como participantes das transformações do espaço geográfico (CALLAI, 2011). E para isso é fundamental que durante as aulas de geografia nós, professores, possamos apresentar aos alunos diferentes formas de representar esse espaço. Abordando diferentes possibilidades de construir o conhecimento, não se baseando apenas aos materiais convencionais como os livros didáticos e seus produtos cartográficos.

Buscando ampliar as possibilidades da cartografia dentro de sala de aula e nos aproximar da realidade dos alunos e sua concepção de representação do espaço geográfico, foi proposto

¹ Esse trabalho foi escrito com os primeiros resultados da pesquisa de mestrado de Marina Silva, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina e Bolsista CAPES.

uma atividade centrada no uso de diferentes linguagens para pensar formas de compor saberes geográficos educacionais e ampliar a o uso da cartografia escolar. Buscando uma cartografia que vá além do seu caráter informativo, permitindo o surgimento de uma outra forma de grafar o espaço vivido pelos alunos. (OLIVEIRA JR, 2011)

A atividade que será relatada foi realizada na Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos, localizada na praia da Armação do Pântano do Sul em Florianópolis Santa Catarina, com a turma do sétimo ano no mês de março de 2019. A atividade fez parte de uma série de ações relacionadas com as comemorações do aniversário do município de Florianópolis e propostas pela professora Lilian.

O objetivo foi produzir representações da cidade de Florianópolis que não estava vista nos mapas e imagens usuais, sejam eles escolares, oficiais, turísticos, e que se aproximassem com aquilo que os alunos identificassem como cidade, através do seu conhecimento cotidiano e memórias. Os alunos receberam uma folha contendo apenas a delimitação territorial do município de Florianópolis, e deveriam individualmente representar nesse mapa mudo aquilo que a cidade significava para eles, trazendo seus elementos de experiência com o espaço geográfico, suas memórias, sentimentos e afetos. Para fazer o mapa tinham a disposição revistas para recorte, tesoura, lápis de cor e giz de cera.

Para a realização da atividade buscamos inspiração no livro Mapping Manhattan da autora norte-americana Becky Cooper (2013), que reúne 75 mapas resultantes de seu projeto na cidade de Nova Iorque. Cooper caminhou pelas ruas nova-iorquinas com pequenos mapas em branco da ilha de Manhattan, que foram distribuídos para milhares de pessoas seguidos da seguinte instrução: “mapeie suas memórias”.

Além da grafia do espaço por meio da confecção de mapas os alunos produziram um texto explicando e descrevendo as suas escolhas na reprodução individual, expondo suas reflexões e percepções sobre a sua Florianópolis conhecida, habitada, vivida e experimentada. Trazendo para a sala de aula outra forma de grafar o espaço com os textos.

As Referências que Ajudam a Pensar a Prática

O uso dos recursos provenientes da cartografia como representação da superfície terrestre, ou mesmo porções dela, como mapas, globos, cartas, plantas e maquetes, são



utilizados largamente pelos professores de geografia e estudantes da educação básica, como forma de representação do espaço geográfico. São utilizados como ferramentas importantes no ensino de geografia, mas sem a preocupação de problematizar sobre os discursos agregados com o objetivo voltado para a utilização dos recursos, de forma a elucidar e exemplificar tal espaço (OLIVEIRA, GIRARD, 2011). Na nossa cultura escolar e ocidental, o conceito que se tem sobre mapas usualmente está atrelado a uma perspectiva com caráter essencialmente informacional. Por vezes, acabam se tornando meros recursos de espacialização das percepções da realidade de quem os produz: engenheiros cartógrafos, técnicos e agentes de órgãos públicos.

Essas representações nos chegam de uma forma pronta, e constroem em nossa mente dados sobre determinadas realidades que muitas vezes não condizem com aquilo que é. A reprodução desse tipo de mapa acaba funcionando como impedimento para o surgimento de outras possibilidades. Nesse sentido buscamos estratégias educacionais em geografia que sejam capazes de ampliar e acrescentar outros saberes e imagens a cartografia escolar.

Gonçalves (2017) apresenta os mapas e os conteúdos dos livros didáticos presentes na sala de aula como conhecimento de uma geografia pasteurizada, que foi submetida a um processo de esterilização, eliminou os microrganismos ali presentes. Para a autora, os mapas de pequena escala são importantes para o desenvolvimento de noções espaciais e para leitura de fenômenos de amplas dimensões espaciais, mas comprometem a construção de conceitos geográficos e de postura frente ao mundo e a realidade. E, por isso, utiliza o termo geografia pasteurizada, homogênea que não leva em consideração a relação com o cotidiano.

Então é preciso pensar em quais relações global-local os mapas possibilitam; e vemos que isso aparece de maneira frágil nos mapas que circulam na sala de aula. Os mapas pouco oportunizam o estabelecimento de relações entre elementos da cultura material e simbólica dos lugares e os impactos da tensão entre o global e o local na transformação das identidades e dos espaços; o que é importante para se desnaturalizar o significado de localismo e apontar a dimensão sociocultural do lugar e os usos comandados por espaços e grupos sociais bem distantes dali (GONÇALVES, 2017).

Ao salientar sobre a necessidade de trabalhar com uma geografia não pasteurizada, com a realidade local do aluno e a sua relação com o cotidiano do lugar onde vive, podemos lembrar os escritos de Paulo Freire. O autor aborda em seus escritos a condição do homem como ser social, e a necessidade de se tornar consciente de si mesmo, do seu entorno, das

contradições em que vive. O seu método tem como premissa tratar a relação entre educando e educador de forma dialética para juntos alcançarem uma transformação da sociedade da qual fazem parte (FREIRE, 2008).

A metodologia Freiriana passa pela etapa de investigação temática, onde o educador participa do cotidiano de uma comunidade para entender a realidade do educando que está inserido nessa comunidade. Esta realidade deve ser analisada, entendida, posto que será a base do conteúdo programático. Após a investigação temática os educadores buscam determinar palavras e temas geradores que fazem parte desse cotidiano pesquisado na comunidade e por isso são carregadas de significado e importância para os educandos que lá vivem.

Assim, com conteúdo partindo da realidade conhecida dos educandos a educação se torna mais prazerosa, fazendo com que eles se reconheçam nos temas geradores. No ensino de geografia podemos apontar a necessidade de compreender a realidade social na qual o educando está inserido. Aquilo que Gonçalves (2017) chama de microrganismo em uma geografia pasteurizada e padronizada, micros-geografias da experiência individual.

Ao buscar trabalhar com uma geografia do local de vivência dos alunos, aquela não pasteurizada que não aparece nos livros didáticos, estaremos nos aproximando das premissas de Paulo Freire de educar, conscientizar e inserir o homem na sociedade, para que ele possa transformá-la. Pois precisamos entender o nosso lugar no mundo, na visão de Freire de oprimidos, para assim conseguirmos transformá-la. E para entender o mundo precisamos nos sentir representados nos mapas.

A forma corriqueira de utilizar as representações espaciais, e mais massivamente os mapas, dissocia o representado do real, distanciando os alunos da realidade não levando em consideração os pensamentos de Freire. Ao não levar em consideração o discurso que existem por trás dessas representações, os estudantes são incumbidos apenas a reproduzir informações já previamente selecionadas por cartógrafos, professores, pautadas no currículo. Saber pensar o espaço significa, também, aprender a refletir sobre suas formas de representação.

O debate não incide no fato de validar ou não os mapas institucionais apresentados nos livros didáticos. A problemática está no fato de que esses são predominantes nos livros em circulação de geografia, enquanto existem tantos outros mapas e formas de linguagem de representação espacial sendo desenvolvidas por grupos sociais diversos, utilizando novas tecnologias ou se aproximando de outras áreas, como as artes. (GOLÇALVES, 2017)



A proposta de produção de cartografias da própria cidade se afasta da educação bancária ou anti-dialógica também contestada por Paulo Freire (2011). Pois o processo de conhecimento é contínuo e somos educados mediados pelo mundo, por um espaço geográfico. Freire aposta em uma metodologia baseada no diálogo entre educador e educando, onde não há espaço para o autoritarismo unilateral, onde o conteúdo deve se basear na história e nas vivências do educando. Para Freire a educação bancária consiste em um processo unilateral de depósito de conteúdo do educador no educando:

Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. [...] A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2011, p.80)

Para Freire (2008), ensinar exige respeito aos saberes do educando, o autor salienta que devemos discutir com os alunos sobre a realidade que estão inseridos, respeitando os saberes que eles trazem socialmente construído na prática comunitária (prática inserida em um espaço geográfico em suas diferentes camadas). E discutir a razão de ser de alguns desses saberes, dessas realidades, em relação com o ensino do conteúdo.

Levando em consideração que encontramos em sala de aula um conteúdo geográfico com imagens de livro didático e mapas prontos, com representações da realidade ainda muito longe das experiências dos alunos com o espaço geográfico (GONÇALVES, 2017). A construção de cartografias tem como proposta o debate sobre as realidades individual, grafando aquilo que mais representa para os alunos quando se pensa no município de Florianópolis- SC.

As Cartografias de Florianópolis Produzidas Pelos Alunos

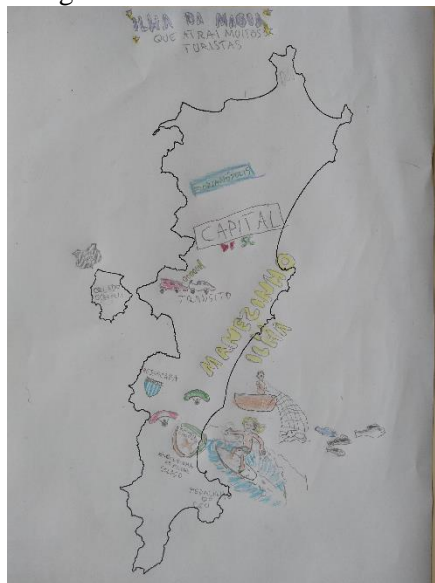
Analisando os trabalhos dos alunos podemos perceber a visão que possuem do município de Florianópolis. O olhar que os alunos trouxeram por meio da representação com o mapa mudo, se relaciona e traz elementos da cultura local e mais difundida sobre a cidade. A

pesca artesanal, praia, litoral, surf, bruxas e uma natureza intocada, aquilo que se vende turisticamente como a ilha da magia.

A representação de locais já conhecidos ou visitados esteve presente nos mapas. Essa mesma turma fez parte de um projeto intitulado: “De Naufragados à Ilha do Campeche - conhecendo a ilha ao som do Dazaranha” que realizou no ano de 2018 diversas saídas de campo guiadas juntamente com a professora Lilian. Todos os lugares já visitados foram contemplados no mapa: Ilha do Campeche, Praia do Naufragados, Lagoa do Peri, Lagoa da Conceição e as lendas relacionando com os povos indígenas que viviam na Ilha que também foram trazidos em alguns mapas.

A presença do esporte também está no imaginário dos alunos sobre a cidade. Nas representações é visível esportes relacionados ao mar, como o surf e kite surf. Acreditamos que esse fato se dá por a escola está localizado em um bairro próximo a praia, então a relação e vivência desses alunos é muito frequente (Imagem 1). No momento da oficina alguns já haviam explanado que praticavam o surf e outros gostavam e conheciam, e isso que ficou nítido nos desenhos e textos. Outro esporte que apareceu em alguns desenhos é o parapente, já que a prática dessa atividade é frequente no bairro.

Imagem 1



Fonte: Arquivo da Autora

Um grupo de meninos representaram em seus mapas os símbolos dos times de futebol local, Avaí e Figueirense e colocaram os distintivos próximos a localização real dos estádios.

Perguntamos para esse grupo se todos conheciam e torciam para o time, eles disseram que não, tinham como referências clubes de fora da cidade, mas conheciam a localização dos estádios. Com esse mapa podemos perceber que cada aluno teve a chance de representar no mapa aquilo que mais conhece ou chama atenção da cidade, no caso desses meninos o interesse em comum foi pelo futebol. Outros alunos além de representar a localização dos estádios mostraram o futebol como atividade que praticam na rua e também a onde treinam o esporte.

Ainda em relação a atividade física uma aluna produziu um mapa intitulado “Minhas Brincadeiras do Dia”, onde apresentou as brincadeiras que mais gosta: futebol, amarelinha, pula corda, nadar em cachoeira, lagos, esconde- esconde (Imagem 2). Além disso utilizou algumas palavras para expressar seus sentimentos: imaginação, paz vida e amor.

Imagem 2



Fonte: Arquivo da Autora

Grande parte das representações trazidas no mapa estão no contexto próximo aos alunos, o sul da ilha de Florianópolis. Não percebemos relações com lugares mais distantes daqueles que conhecem e vivem o seu cotidiano. Mesmo assim grande parte dos mapas teve seu território da cidade todo preenchido com elementos, mesmo esses não estando com a sua localização geográfica correta. Os elementos mais distantes foram a Praça XV com a centenária Figueira e as pontes que fazem a ligação entre ilha e continente que são conhecidas por seus problemas relacionados a mobilidade urbana e os engarrafamentos.

Além dos elementos tradicionais relacionados a cultura e a natureza presente em Florianópolis alguns alunos sentiram a necessidade de representar os seus sentimentos, isso foi mais visível com a leitura dos textos e nas produções cartográficas (Imagem 3). Palavras como amor apareceu em alguns desenhos e elas nem sempre estavam relacionadas ao apressado pela cidade e sim por um sentimento mais pessoal de afeto a família, amigos ou mesmo o seu primeiro amor e suas decepções. A alegria por estar em uma cidade em que gostam, onde moram os seus amigos e família, e praticam atividades e brincam. A palavra saudade e luto também apareceu, relacionando com a distância física de alguns amigos e parentes que moram em outros lugares e da distância espiritual daqueles que já morreram.

Imagem 3



Fonte: Arquivo da Autora

Considerações finais

A oficina teve como objetivo representar o município de Florianópolis, com as análises percebemos o quanto as simbologias do cotidiano dos alunos estão presentes na sua concepção de cidade. As atividades praticadas no dia a dia do bairro, a cultura local e as paisagens naturais do sul da Ilha de Santa Catarina estavam presentes em todas as representações. Com isso



percebemos o quanto as ideias de Paulo Freire são importantes para a construção de uma educação mais significativa, e essa relação parte dos próprios alunos quando são desafiados a representar a cidade.

A utilização de atividades que valorizem a produção de representações daquilo que os alunos percebem como cidade de Florianópolis é muito importante para compreendermos o significado que eles dão a essa representação. Que vai muito além aos conceitos e percepções geográficas do espaço, e partem para concepções de cotidiano e até mesmo de percepções sentimentais da cidade e com a cidade.

A realização dessa oficina e os resultados dessa análise foram realizadas como investigação inicial de uma pesquisa de mestrado em Educação que tem como objetivo identificar as formas que os alunos representam o espaço da cidade por meio das diferentes linguagens. Como continuação do processo de pesquisa irei propor uma saída de campo utilizando das percepções de caminhar à deriva, com o recorte geográfico do centro da cidade de Florianópolis.

Foi percebido que os alunos possuem uma visão positiva sobre a cidade de Florianópolis, essa visão é formada por sua convivência no bairro e lugares próximos e também dos lugares conhecidos por atividades propostas pela escola. Esse fato é um dado importante para pensarmos na saída de campo em deriva pelo centro da cidade. Talvez nesses espaços eles se defrontem com uma realidade de cidade até então desconhecida, a cidade com seus problemas e contradições sociais.

Referências Bibliográficas

CALLAI, H. C. A Geografia e a Escola: muda a Geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p. 133-152, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.



GONÇALVES, Amanda Regina. Narrativas Cartográficas e a Conexão Entre Mapa e Experiência. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 51-66, jan./jun., 2017

OLIVEIRA JR, Wenceslão.; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia, 2011, Goiânia. **Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011. p. 1-11.